

UM CARTEIRO
DE RUBEM BRAGA

23.4.98
M149/C Povo 17.6.94
ek...

Hermenegildo Chaves me contou a história de um carteiro de Montes Claros que ficava irritadíssimo quando aparecia uma carta com o endereço assim: "Montes Claros, R.F. Central do Brasil - Estado de Minas Gerais". Ficava irritadíssimo com aquela referência à Central. Então para uma carta chegar a uma cidade importante como Montes Claros era preciso dizer qual era a estrada de ferro? O carteiro entregava a carta de má vontade e chamava a atenção do destinatário:

- Veja só. Esse sujeito está querendo fazer pouco de Montes Claros. (Aliás eu também fui acusado disso. Mas foi tudo intriga de Marques Rebelo. Eu até defendi Montes Claros contra um português que era o concessionário da energia elétrica e não acendia as lâmpadas em noites de lua cheia, por economia; um cavaleiro que explorava o próprio luar do sertão). Na minha infância conheci um velho carteiro que era a melhor alma do mundo. Conhecia toda a gente. Conhecia tão bem que até podia imaginar o conteúdo das cartas que entregava - e as entregava com uma cara de circunstância. Se uma pessoa da família viajava e, dias depois, vinha uma carta, ele chegava sorridente, abanando o envelope com um sorriso que dizia com a maior clareza:

- Olhe dona Candinha, a Josefina já escreveu.

Os namoros, os casamentos, as mortes, a política - ele sabia de tudo. E ao longo dos anos, vestindo sempre o seu surrado uniforme cáqui, andando de casa em casa, se interessando pela saúde dos membros de cada família - era como se ele próprio fosse um membro de todas as famílias. Só uma coisa o irritava: era gente que escrevia cartas para "Cachoeira de Itapemirim" em vez de "Cachoeiro de Itapemirim".

- "Cachoeiraááá! Tenho vontade de rasgar essa carta. Olhe, boa coisa não é, gente que escreve para aqui e nem sabe o nome da cidade só pode ser por interesse. Garanto que isso é para pedir alguma coisa ou propor algum negócio embrulhado. Se fosse para mim, eu rasgava!

Um erro no nome da cidade o ofendia pessoalmente como se se tratasse de seu nome. E de um certo ponto de vista ele era a alma da própria cidade em suas comunicações com o mundo; era através dele que o mundo se dirigia a Cachoeiro.

Durante toda a minha infância vi-o andar léguas e léguas, milhares e milhares de léguas, no seu passo lento, sob o sol escaldante, dizendo uma palavra cordial em cada portão enquanto passava um lenço pela testa suada.

Depois veio outro carteiro. E me lembro de que uma vez, passando por um bairro pobre da cidade, parei por acaso à porta de uma casa miserável. Lá morava o antigo carteiro. Encontrei-o magro, pálido, como que rído pelos seus intermináveis anos de sol e chuva. O interior da casa, onde se amontava uma família triste, era de uma pobreza desoladora. Morreu algum tempo depois, de tuberculose, deixando a mulher e a filharada na miséria - com um montepio ridículo.

Era um funcionário público. Funcionava para o público, e toda a sua vida foi uma longa e lenta marcha, com um monte de correspondência a tiracolo.

Evoco esse fantasma tão amigo, esse fantasma cáqui de minha infância, quando ouço falar em assistência aos funcionários e suas famílias, em construção de casa própria, em tudo isso que estão fazendo ou pelo menos estão começando a fazer. Que façam, senhores, e não terão feito mais que justiça.